

digital

MUDANÇA EM MOVIMENTO

ESCOLAS
EM TEMPO DE INCERTEZA

CRISTINA PALMEIRÃO · JOSÉ MATIAS ALVES

[coordenação]





MUDANÇA EM MOVIMENTO
Escolas em tempo de incerteza
CRISTINA PALMEIRÃO E JOSÉ MATIAS ALVES

© Universidade Católica Editora . Porto
Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 Porto | Portugal
+ 351 22 6196200 | uce@porto.ucp.pt
www.porto.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Coleção · e-book
Coordenação gráfica da coleção · Olinda Martins
Capa · Olinda Martins
Revisão de texto · Cristina Palmeirão

Data da edição · setembro de 2021
Tipografia da capa · Prelo Slab / Prelo
ISBN · 978-989-9058-09-5



CATÓLICA
CEDH · CENTRO DE ESTUDOS
EM DESENVOLVIMENTO HUMANO

PORTO



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
E PSICOLOGIA

PORTO

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

SAME
SERVIÇO DE APOIO À MELHORIA DA EDUCAÇÃO

<i>Introdução</i>	
<i>O tesouro a construir em tempos de incerteza</i>	· 04 ·
Cristina Palmeirão e José Matias Alves	
<i>Cidadania e Desenvolvimento Humano. (Do propósito ao compromisso)</i>	· 10 ·
Álvaro Laborinho Lúcio	
<i>Uma gramática generativa e transformacional para gerar outra escola</i>	· 25 ·
José Matias Alves	
<i>Digitalização ou Transformação Digital no Ensino e na Aprendizagem?</i>	· 49 ·
António Andrade	
<i>A voz dos alunos na avaliação pedagógica</i>	· 58 ·
Fátima Braga e António J. Abreu Silva	
<i>Autorregulação e avaliação baseada em APPS</i>	· 73 ·
Vitor Girão Bastos	
<i>Avaliação Pedagógica: um caminho para quem aprende e para quem ensina</i>	· 78 ·
Nelsa Novais	
<i>Escola Ciência Viva: um contributo para o sucesso escolar</i>	· 91 ·
Elsa Oliveira e Cristina Palmeirão	
<i>Da ainda curta história de uma EMAEI de uma escola TEIP. Contributos para a reflexão em educação inclusiva</i>	· 105 ·
Cristina Paiva; Hélder Alves; Maria Emília Pereira; Paulo Páscoa; Telmo Diegues; Rita Dias e Rosa Rocha	
<i>Caminhos de uma profissão</i>	· 110 ·
Ana Luísa Xavier	

O TESOURO A CONSTRUIR EM TEMPOS DE INCERTEZA

Cristina Palmeirão¹ e José Matias Alves²

No tempo da “plataformização” da sociedade (Dijk, Poell e Waal, 2018), das trajetórias incertas, e da emergência de novos problemas (que vão convivendo com os antigos que não conseguimos ainda resolver), é exetável e desejável que a escola e a educação se movam, progressivamente, seguindo a lógica das organizações autónomas, flexíveis e geradoras de trajetos capazes de incluir e ensinar todos os alunos. Neste movimento, a escola, se quiser sobreviver e liderar dinâmicas de metamorfose societal, tem de impulsionar e desenvolver processos e estratégias de aprendizagem plurais, cujo sentido é ativar a capacidade de pensamento dos alunos (Azevedo, 2011) e a criação de verdadeiras comunidades de aprendizagem (Aubert et al, 2018). E, a partir destas, uma responsabilidade educacional e social desafiadora e inovadora, porquanto possibilitam a emergência de espaços, ambientes e de interações cooperativas e colaborativas, visando uma melhoria contínua da qualidade do ensino e da educação.

Em Portugal, esta responsabilidade foi assumida pela Lei de Bases do Sistema Educativo (1986) e tem sido um desafio contínuo que nos transporta para a atualidade (e.g. Decreto-Lei N.º 54/2018, Decreto-Lei N.º 55/2018, Despacho N.º 3866/2021). No horizonte, o sonho é a educação intercultural para todos e o desejo de formar espíritos abertos (Carneiro, 2001; OCDE 2020), competentes e aptos a decidir por si próprios (PASEO, 2017), o desenvolvimento de pessoas Competentes, Conscientes, Compassivas Comprometidas, Criativas (Alves e Cabral, 2017), como vem sendo prosseguido pelo movimento de renovação das escolas Jesuítas da Catalunha. Nessa base, é vital uma

¹ Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano, Porto, Portugal. cpalmeirao@ucp.pt

² Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Educação e Psicologia, Centro de Investigação em Desenvolvimento Humano, Porto, Portugal. jalves@ucp.pt

educação ao longo da vida, assente na aprendizagem dialógica (Aubert et al, 2018) e numa relação pedagógica interativa e cumulativamente autónoma (Postic, 1990). “Educar não é fabricar adultos segundo um dado modelo, é permitir libertar em cada pessoa e por cada pessoa que a possibilita ser ela mesma” (Azevedo, 2011:129) e, nesse propósito, facilitar “a cada um a sua medida” (Robinson e Aronica, 2019).

As desigualdades permanecem, o modelo de organização de trabalho não satisfaz, o modo de vida urbana enjoa e a natureza degrada-se. Talvez tenha chegado o tempo, neste tão incerto tempo que temos por diante, de reafirmar as prioridades humanas e sociais” (Azevedo, 2011: 331).

Nesta linha, as Nações Unidas definem já a Agenda 2030 e nela os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável para o nosso planeta. O princípio é “transformar o mundo” de modo a criar “uma visão comum para a Humanidade”, onde predomine uma cultura de paz e da não violência. Neste cenário, a pressão sobre a missão da escola e o valor da educação elevam a necessidade de “garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável” (ODS³) e assim o desenvolvimento total e harmonioso da pessoa. A escola aberta à comunidade e ao mundo cria a oportunidade para a construção de uma cultura intergeracional (Palmeirão, 2008), inscrita no longo tempo, no aprender a viver uns com os outros e não numa cultura da urgência (Innerarity, 2009), cultivando o tesouro que é a educação como a UNESCO vem afirmando há largo tempo (UNESCO, 1996).

A dinâmica educativa que tem vindo a ser implementada nas nossas escolas faz-nos perceber que estamos em movimento, no sentido da educação democrática (Dewey, 2007), cujos princípios e práticas visam a participação, a gestão do currículo e a interação entre instituições. Propósito perseguido há mais de uma década pelo Serviço de Apoio à Melhoria da Educação (SAME) da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, no trabalho de consultoria científica desenvolvido numa vasta rede de escolas públicas e privadas⁴ e com elas gerar e estabelecer planos de melhoria e de qualidade da escola e da educação.

³ Consulta online, 20 de agosto de 2021, <https://unric.org/pt/objetivo-4-educacao-de-qualidade-2/>.

⁴ Ver em <https://www.fep.porto.ucp.pt/pt/same?msite=37>.

Em 2019, a pandemia de coronavírus, faz explodir o estado de emergência de proporções internacionais. Os países encerram fronteiras para a conter. O isolamento social passa a ser obrigatório. A incerteza e a reorganização permanente passaram a reger o quotidiano das nossas vidas, o modo de comunicar e de nos relacionarmos. A par de muitas outras organizações, também as escolas recebem ordem para encerrar. A proximidade mantém-se, na maioria das situações, mas assume o formato da distância através de sistemas digitais. Mesmo assim, em agosto de 2021, o número de pessoas mortas no mundo é já de 4.423.173.

Em Portugal, agosto de 2021, 70% da população foi já vacinada, permitindo atenuar as medidas de confinamento e passar para “Estado de Contingência”⁵. Um novo tempo começa agora e com ele a esperança de retomarmos o contacto presencial entre as pessoas e as instituições. Na educação, o coronavírus alimenta ainda grandes preocupações sobre as necessidades socioemocionais de aprendizagem dos estudantes, uma vez que regressarão às escolas na expectativa do regresso à normalidade mas será, provavelmente, um novo normal que terá de ser construído. Os professores estão a preparar-se para regressar à escola neste Outono, tendo em conta: a imersão no ensino remoto ou híbrido dos dois últimos anos letivos, as decisões curriculares em cada escola, as especificidades contextuais de cada turma e obviamente as aprendizagens (não) conseguidas.

Uma componente importante da implementação da estratégia de continuidade escolar foi o desenvolvimento profissional dos professores, principalmente utilizando plataformas online que lhes permitiram comunicar com os seus pares. O esforço que permitiu que professores e alunos encontrassem maneiras de aprender e ensinar remotamente evidenciou o potencial para aumentar a eficácia pedagógica de professores e escolas - mesmo considerando perdas possíveis de aprendizagem. O conhecimento e a experiência adquiridos com as várias modalidades de aprendizagem remota ou híbrida são ferramentas que mantêm a sua utilidade ao serviço da maior personalização da educação e aumentando o tempo e as oportunidades de aprendizagem para todos os alunos. O tempo vivido em crise pandémica permitiu reunir um capital de conhecimento que deve ser

⁵ Consulta online, 21 de agosto de 2021, https://www.rtp.pt/noticias/pais/covid-19-a-situacao-ao-minuto-do-novo-coronavirus-no-pais-e-no-mundo_e1343717.

avaliado, para que as escolas e os sistemas de ensino progridam para ambientes inovadores de ensino e aprendizagem.

A experiência pandémica mostrou a importância de comunicar clara e consistentemente o que deve ser ensinado e realizado. Evocando Nóvoa (2010), que neste passo convoca Olivier Reboul

deve ser ensinado na escola tudo o que une e tudo o que liberta. O que une é aquilo que integra cada indivíduo num espaço de cultura, em determinada comunidade: a Língua, as Artes Plásticas, a Música, a História etc. Já o que liberta é o que promove a aquisição do conhecimento, o despertar do espírito científico, a capacidade de julgamento próprio. Estão nessa categoria a Matemática, as Ciências, a Filosofia etc. Com base nesse princípio, podemos seleccionar o que é mais importante e o que é acessório na Educação das crianças.

A oposição à mudança pode estar associada a insuficiência de informação, preparação ou até à não aceitação das medidas políticas. E isto é um desafio inigualável sobretudo se o equacionarmos nos tempos difíceis em que vivemos e que importa ultrapassar. Para conseguir isso, ganham força as palavras de António Nóvoa quando em 2013, escreve sobre “Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência”, no qual reflete sobre a necessidade de um debate aprofundado, “com uma enorme precaução e uma grande humildade” a questão da “refundação da escola”. Um debate a não parar e que se renova na máxima que sustenta e fundamenta o XI Ciclo de Seminários de Aprofundamento em Administração, Supervisão e Organização Escolar, “MUDANÇA EM MOVIMENTO: ESCOLAS EM TEMPO DE INCERTEZA”. Os textos agora coligidos são amostra do esforço e trabalho concretizado, quer no plano científico quer em termos práticos e desse modo o estado da arte das escolas portuguesas em tempo de Pandemia, mas em desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

Alves, J. & Cabral, I. (Orgs.)(2020). *Ensinar e aprender em tempo de COVID19: entre o caos e a redenção*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.

- Alves, J. M. & Cabral, I. (org.) (2017). *Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia.
- Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R. & Racionero, S. (2018). *Aprendizagem dialógica na sociedade da informação*. São Carlos: EdUFSCar.
- Azevedo, J. (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação. Ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*. Vila Nova Gaia: FML.
- Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da educação e da aprendizagem. 21 ensaios para o século 21*. Vila Nova Gaia: FML.
- Dewey, J. (2007). *Democracia e Educação*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Dijck, J.; Poell, T. & Waal, M. (2018). *The platform society. Public values in a connective world*. USA: Oxford University Press.
- Innerarity, D. (2009). *O futuro e os seus inimigos. Um defesa da esperança política*. Alfragide: Teorema.
- Ministério da Educação de Portugal (2017). Perfil dos Alunos para o Século XXI (PASEO). Consulta online, 24 de agosto de 2021, <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=Perfil+dos+Alunos+para+o+S%C3%A9culo+XXI>.
- Ministério da Educação de Portugal (2018). Decreto-Lei N.º 54/2018. Consulta online, 24 de agosto de 2021, <https://dre.pt/home/-/dre/115652961/details/maximized>.
- Ministério da Educação de Portugal (2018). Decreto-Lei N.º 55/2018. Consulta online, 24 de agosto de 21, <https://dre.pt/home/-/dre/115652962/details/maximized>.
- Ministério da Educação de Portugal (2021). Despacho N.º 3866/2021. Consulta online, 24 de agosto de 2021, https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/161521475/details/2/maximized?serie=II&parte_filter=31&day=2021-04-16&date=2021-04-01&dreId=161430934.

Nóvoa, A. (2013). currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência. Consulta online, 24 de agosto de 2021, <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&q=ant%C3%B3nio+n%C3%B3voa%2C+peoas%2C+partilha%2C>.

Nóvoa, A. (2010) António Nóvoa fala sobre conteúdos que devem ser prioritários na escola. Consulta on line, 25 de agosto de 2021, <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/625/antonio-novoa-fala-sobre-conteudos-que-devem-ser-prioritarios-na-escola>.

OCDE (2020). "Coronavirus special edition: Back to school", Trends Shaping Education Spotlights, No. 21, Paris: OECD Publishing, <https://doi.org/10.1787/339780fd-en>.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS). Consulta on line, 25 de agosto de 2021, <https://www.ods.pt/>.

Palmeirão, C. (2007). *A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, valores e competências entre gerações*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto).

Postic. M. (1990). *A relação Pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora

UNESCO (1996). *EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, Porto: Edições ASA.